

Da “anatomia como destino” ao “cruzamento das fronteiras”: gênero e sexualidade no mundo de Almodóvar

The "anatomy as destiny" to "cross borders": gender and sexuality in the world of Almodóvar

Marcos Nascimento

Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ.
Psicólogo e pesquisador na área de gênero, sexualidade e masculinidade.

E-mail: m2nascimento@gmail.com

Vanessa Fonseca

Mestre em Psicossociologia de Comunidades pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ
Psicóloga e coordenadora de programas do Instituto Promundo.

E-mail: v.fonseca@promundo.org.br

“Nada é simples.” (Catarina, personagem de *Fale com ela*)

“Como eu estava dizendo, custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma.” (Agrado, personagem de *Tudo sobre minha mãe*)

Resumo

Esse artigo pretende propor uma reflexão sobre o processo de construção, negociação e reconstrução de feminilidades e masculinidades como construções de gênero. Inspirado nas tramas apresentadas em alguns filmes da obra de Pedro Almodóvar, os autores pretendem brindar os leitores com uma reflexão crítica sobre a cristalização das fronteiras entre o que convencionalmente denominamos de “feminino” e “masculino”.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Feminilidade; Masculinidade; Cinema.

Abstract

This article intends to propose a reflection on the process of building, negotiation and reconstruction of femininity and masculinity as gender constructions. Inspired by the plots presented in some films of Pedro Almodóvar's work, the authors intend to toast the readers with a critical reflection on the crystallization of the boundaries between what we conventionally call "feminine" and "masculine."

Keywords: Gender; Sexuality; Femininity; Masculinity; Cinema.

Introdução

Os estudos de gênero tem surgido na ciência da informação desde 2003, conforme relata pesquisa de Espírito Santo (2008). A autora identifica alguns trabalhos na última década mas reconhece que são poucos os autores interessados na temática do gênero. Assim, como psicólogos, propomos alguma reflexão que venha contribuir e somar às pesquisas realizadas pelos cientistas da informação; notamos que as pesquisas realizadas pelos cientistas da informação referem-se à maior produtividade de autores masculinos em áreas específicas (na própria Ciência da Informação ou na Informática, por exemplo); e quando as mulheres despontam como sujeito das pesquisas, como é o caso das professoras escolares, ou das mulheres africanas, é para concluir que o acesso das mulheres à informação e às telas da internet é promissor, pois tem aumentado. Iremos nesse artigo seguir outro caminho, ao problematizar o homem e a mulher, tendo em vista parte da filmografia do diretor de cinema espanhol, Almodóvar.

O nascimento de uma criança evoca sempre uma mesma pergunta: menino ou menina? Mais do que a constatação do sexo biológico, trata-se sobretudo, de uma “declaração profética”: vai ser “homem” ou “mulher” na vida!

Essa “profecia” implica um conjunto de expectativas sobre o que se “deve” sentir, fazer, ser. É através de um intenso e rigoroso processo de educação que nos transformamos em homens e mulheres. Esse processo se baseia em normas sociais que modelam, vigiam e regulam comportamentos dos sujeitos com o intuito de adequá-los aos ditames culturais do que se entende como apropriado para um sujeito masculino ou feminino. Eles devem ser fortes, valentes, corajosos, provedores, assumir riscos, ser sexualmente ativos, não chorar ou expressar sentimentos que o “feminilizem”. O espaço público é o seu lugar. Elas, por outro lado, devem ser doces, meigas, recatadas, senhoras do espaço privado e da família. Embora esses estereótipos sejam cada vez mais desconstruídos em face de um intenso jogo de forças, ainda percebe-se que esses valores não foram totalmente ultrapassados na vida cotidiana de muitos homens e mulheres.

Não é à toa que quando do nascimento de uma criança, os termos descritivos vão de o “garotão” (no aumentativo) à “princesinha” (do diminutivo). O uso da linguagem enfatiza e traduz aquilo que de alguma maneira persiste no imaginário da sociedade: “homem forte”, “mulher frágil”.

Porém, como nos lembra Simone de Beauvoir¹ (2008), ninguém nasce mulher (ou homem). Ao contrário, trata-se de um longo (e sinuoso) percurso de aprendizagem, assimilação, negociação, construção/desconstrução que acontece ao longo da trajetória de vida, e que não se restringe à marca do sexo biológico, mas é atravessado por diferentes marcadores sociais como idade, classe social, raça/etnia, contexto cultural, orientação sexual entre outros (NASCIMENTO, 2011).

Os debates acerca da sexualidade e do gênero, em maior ou menor intensidade, acontecem em todo o mundo, denunciando desigualdades, reivindicando direitos, problematizando os pares masculino/feminino, heterossexual/homossexual, tradição/modernidade. Movimentos sociais como o feminista, o LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), o negro, entre outros contribuíram sobremaneira para que essa discussão impactasse a vida homens e mulheres, alterando legislações, fomentando políticas públicas, alterando a rota de viagem dos sujeitos. No entanto, é necessário lembrar que ainda persistem muitas desigualdades que geram discriminações e violências. Nesse sentido, os filmes de Almodóvar, permeado por viagens entre as fronteiras pré-estabelecidas do feminino e masculino, constituem um pano de fundo para a discussão que pretendemos levar a cabo aqui.

Somos profissionais da psicologia, pesquisadores no campo do gênero e da sexualidade e comprometidos com movimentos sociais que buscam interferir na construção e manutenção das desigualdades, problematizando as convenções sociais cristalizadas sobre “o que é ser homem” e “o que é ser mulher”². Desde 2005, promovemos um trabalho de reflexão sobre como as construções de gênero interferem nos direitos de homens e mulheres, com um grupo de trinta jovens de três favelas do Rio de Janeiro. Inicialmente, o grupo tinha a tarefa de criar uma campanha para as três comunidades sobre este tema. Para alguns dos jovens, este processo foi revelador de novas construções de gênero. Especialmente para Joaquim³, liderança hoje reconhecida no movimento LGBT do Rio de Janeiro por seu trabalho de busca pelos direitos dos homossexuais de favelas, o processo de desconstrução e reconstrução de gênero permitiu não só a “descoberta” ou a “aceitação” de uma nova orientação sexual, como foi revelador de um território

¹ Referimo-nos à sua obra “Segundo sexo”.

² Como destaca Miguel Vale de Almeida (2000), masculinidade e feminilidade são metáforas de poder e de capacidade de ação que orientam valores e práticas sociais de homens e mulheres.

³ Nome fictício.

que se situa na fronteira entre o masculino e o feminino. De aparência e hábitos de se vestir “ambíguos”, Joaquim ora reivindica para si adjetivos masculinos, ora femininos. É também tratado, sem constrangimento, por pronomes de ambos os gêneros. Nisto consiste sua originalidade: não escolher nenhum dos gêneros. É com essa bagagem e a partir dos encontros que o trabalho de reflexão sobre construções de gênero nos possibilitou, que nos aventuramos nessa viagem “almodovariana”.

Gênero e sexualidade: “guias de viagem”

Gênero, como categoria de análise das relações sociais diz respeito, como mostra Joan Scott, a duas proposições interconectadas: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas na diferença percebida entre os sexos e é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 86). É a partir dessa distinção que transforma uma diferença (de sexo biológico) em desigualdade social (entre homens e mulheres) que a categoria de gênero vai ser apropriada à análise das relações entre os sujeitos. Como diz Guacira Lopes Louro, “as desigualdades passam a ser compreendidas nos arranjos sociais, na história das condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (LOURO, 1997, p. 22).

Ainda que o gênero seja um marcador estruturante da identidade dos sujeitos, ele não deve ser visto como algo cristalizado e sem possibilidades de transformação. É importante ressaltar que o conceito de identidade não diz respeito a algo fixo ou imutável, mas a identidades plurais, múltiplas, que se transformam e que podem ser até mesmo contraditórias. Rubens Adorno (1999) usa a imagem de uma “identidade vazada”, que vai se preenchendo, transbordando, para preencher novamente ao longo da história do sujeito. Cabe frisar que essa mesma identidade está sempre sujeita a um conjunto de forças culturais, políticas e econômicas, inseridas em um plano social que possui suas regras, convenções e ideologias.

A existência de modelos ideais para homens e mulheres implica, necessariamente, produção de desvios, de caminhos alternativos. Assim, entre o idealizado e o que existe no plano concreto da realidade social é que surgem e ganham formas diferentes possibilidades de exercício da masculinidade e da feminilidade, sujeitos à historicidade e à singularidade de suas narrativas.

Em contextos sociais complexos, um dos desafios necessários é deslocar-se dos binarismos cristalizados de masculino/feminino, de opressão/submissão. Scott (1990) propõe que se faça implodir essa lógica, que se desconstrua essa dicotomia, problematizando a constituição de cada pólo, com a perspectiva que um contém e supõe o outro. Desconstruir essa polaridade significa problematizar tanto a oposição entre os pólos, como a unidade interna de cada um. Significa observá-los como fragmentados e divididos, com suas coerências e seus paradoxos, sendo a própria polaridade construída e não uma entidade fixa dada. Como diz Louro:

Uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. (...) **Ao aceitarmos que a construção de gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança.** (LOURO, 1997, p. 34-5, grifo nosso)

É nesse mesmo sentido que Dias (2010, p. 4-5) afirma, referindo-se especificamente à teoria queer⁴, que:

Ao sugerir que sexualidade, sexo, e gênero são construções sociais, portanto mutáveis e deslocáveis e nem sempre simetricamente alinhadas, a teoria queer abre novas formas de aproximações com a sexualidade e o gênero que desarticulam conceitos de normalidade. Ao expor as relações entre sexualidade, sexo e gênero como oscilantes, a teoria queer envolve a sexualidade e gênero como efeito da memória social e individual; e abre-se para possibilidades de articulações entre definições e conceitos, principalmente, da lingüística, sociologia, antropologia, biologia, filosofia, estudos culturais e a psicologia.

É justamente as noções de mutação, transformação, oscilação, maleabilidade, plasticidade que vão desestabilizar o mundo tal qual o (re)conhecemos: nada é imutável ou cristalizado a ponto de não poder se transformar. Certamente esse processo de mudanças, principalmente acerca do gênero e da sexualidade, não é linear. Convivemos, ao mesmo tempo, com padrões considerados avançados e modernos e com outros que podem ser considerados tradicionais. Essa convivência cria o que Parker (1991) chama de múltiplas realidades. É no jogo de forças entre o “moderno” e o “tradicional” que as mudanças acontecem e criam outros paradigmas para a convivência com o “diferente”, o “insólito”, o “novo”.

⁴ O termo queer indica estranheza, excentricidade, raridade, aquilo que é extraordinário. De acordo com Louro (2008), “queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. **Queer representa claramente a diferença que não quer assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.**” (LOURO, 2008, p. 38-9, grifo nosso)

Se no tempo de Freud, por exemplo, a anatomia era destino, atualmente isso não é mais verdade absoluta⁵. Um grupo de sujeitos produz transformações radicais em seus corpos (lôcus privilegiado do gênero e da sexualidade) e em suas vidas através de processos cada vez mais sofisticados de “engenharia erótica”⁶.

Nesse sentido, Almodovar usa e abusa, em sua filmografia de personagens “trans”, revelando possíveis transgressões no mundo binarista do feminino/masculino. Como adverte Carlos Passarelli (1999, p. 15):

Os personagens de Almodóvar mostram a inadequação do corpo em relação a uma identidade sexual específica, desconstruindo as categorias que a sustentam. Neste processo, novos gêneros discursivos são construídos, que formam uma outra maneira de enunciar o amor e a diferença sexual, fora dos moldes da biologia. (...) Esfacela-se, deste modo, a noção de identidade sexual e evidencia-se a caducidade de termos como homossexual, transexual, heterossexual e todos os seus correlatos.

É através de personagens como aqueles apresentados em *Tudo sobre minha mãe* (1999) que o diretor retrata o sujeito trans que habita a fronteira convencional entre o masculino e o feminino. Agrado, uma travesti, em determinado trecho do filme se vê diante de uma platéia de teatro a quem vai entreter contando sua história, seu processo de tornar-se, em suas palavras, “autêntica” e os “custos” decorrentes dessa “viagem”.

Cancelaram o espetáculo. Aos que quiserem será devolvido o ingresso. Mas aos que não tiverem o que fazer e já estando no teatro, é uma pena saírem. Se ficarem, eu irei divertí-los com a história de minha vida. Adeus, sinto muito [aos que estão saindo]. Se ficarem aborrecidos, ronquem, assim RRRRR. Entenderei, sem ter meus sentimentos feridos. Sinceramente. Me chamam Agrado, porque toda a minha vida sempre tento agradar aos outros. Além de agradável, sou muito autêntica. Vejam que corpo. Feito à perfeição. Olhos amendoados: 80 mil. Nariz: 200 mil. Um desperdício, porque numa briga fiquei assim [mostra o desvio no nariz]. Sei que me dá personalidade, mas, se tivesse sabido, não teria mexido em nada. Continuando. Seios: dois, porque não sou nenhum monstro. Setenta mil cada, mas já estão amortizados. Silicone... “Onde?” [Grita um homem da platéia]. Lábios, testa, nas maçãs do rosto, quadris e bunda. O litro custa 100 mil. Calculem vocês, pois eu perdi a conta. Redução de mandíbula, 75 mil. Depilação completa a laser, porque a mulher também veio do macaco, tanto ou mais que o homem. Sessenta mil por sessão. Depende dos pêlos de cada um. Em geral duas a quatro sessões. Mas se você for uma diva flamenca, vai precisar de mais. **Como eu estava dizendo,**

⁵ Peter Gay (1989), referindo-se a Freud destaca que: “Parafraseando o famoso dito de Napoleão sobre a política, ele [Freud] ofereceu um aforismo provocativo: “Anatomia é destino”. A prova mais evidente de tal destino, julgava ele, é a distinção observável, entre os órgãos sexuais dos meninos e meninas.” (GAY, 1989, p. 467). No entanto, vale destacar que a transgressão da “anatomia como destino”, não se restringe à corporeidade. Se no início do século XX, a anatomia corporal era imutável, as noções referentes ao masculino e feminino, a experiência da sexualidade e as performances de gênero eram também modeladas pelos padrões sociais, culturais e políticos vigentes à época. Durante esse último século assistimos a grandes transformações no campo do gênero e da sexualidade (HEILBORN et al, 2006).

⁶ Tomamos emprestada aqui a noção de engenharia erótica, de Hugo Denizart citado por Denizart (1998).
InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 67-76, jul./dez. 2011.

custa muito ser autêntica, senhora. E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma. (Agrado, *Tudo sobre minha mãe*). (MALUF, 2002, p. 144-145)

Lola (Esteban em seu nome masculino), outro personagem do mesmo filme, também sofre transformações corporais, sendo descrito por sua primeira companheira, como “marido de tetas”. Pai de dois filhos (igualmente chamados Esteban), Lola não conheceu seu primeiro filho. Morre no final do filme, emocionando-se com a descoberta da dupla paternidade. Interessante observar os diferentes arranjos possíveis de conjugalidade, exercício da sexualidade, das performances de gênero e da construção/uso do corpo⁷. É importante notar também que, apesar de ter transformado seu corpo de homem em corpo de mulher, sua orientação sexual não é exclusivamente homossexual. Depois de sua transformação, continua casado com Manuela (mãe do primeiro filho) e relaciona-se com pessoas de todos os gêneros.

Mais recentemente, em *A pele que habito*, Almodóvar volta a mostrar a plasticidade do gênero e da sexualidade. Homens que mudam de sexo, a possível relação entre uma mulher e uma transmulher, homens que mantêm sexo com transmulheres, sexo grupal, estão entre as diferentes manifestações da sexualidade, rompendo com convenções e inaugurando novos arranjos, novas formas do exercício da sexualidade.

Nesse sentido, todos esses personagens mencionados brevemente aqui desafiam o “destino” a que Freud fazia referência e, graças ao uso de tecnologias relativamente recentes, cruzam essas fronteiras, ou como aponta Louro (2008), vivem no lugar da fronteira⁸.

Os corpos são formados pelos agenciamentos que fazem: suas práticas afetivas, seus amores, seus riscos (FONSECA, 2011). A associação entre anatomia dos corpos e o desejo (ou mesmo o destino) é consequência de uma série de estudos médico-científicos, que datam da passagem do século XIX para o XX, interessados na produção de uma determinada ordem social. Tudo o que foge à regra da orientação tradicional dos desejos, considerados masculinos ou femininos, é o que costuma ser percebido como anormal (LOURO, 2000).

⁷ Não podemos esquecer que o que conhecemos como sexualidade e gênero são construtos sociais recentes.

⁸ Louro (2008) argumenta que: “o grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira.” (LOURO, 2008, p. 28)

A produção do desejo se dá por meio do movimento dos afetos e da simulação desses afetos, gerados pelo encontro dos corpos (ROLNIK, 2007). O movimento da vida é uma constante produção de encontros e afetos que precisam a todo o momento gerar sentidos. É preciso deixar os afetos passarem para produzir sentido, sair do repertório conhecido. A reprodução de normas esvazia a vitalidade e adoece.

Agrado e Lola não modelam simplesmente seus corpos para adequarem seu desejo à anatomia feminina. Seus corpos são transformados de acordo com seu desejo, isto é, de acordo com os sentidos gerados pelo movimento de suas vidas.

Novos rumos?

A filmografia de Almodóvar é plena de personagens que se situam na fronteira entre o masculino e o feminino. Ao situarem-se neste lugar, criam-se possibilidades de revelação da formação política e social dos papéis de gênero. Se estes personagens costumam ser percebidos como estranhos e abjetos (DIAS, 2010), os ditos queer, pelo senso comum, isto funciona como estratégia criativa para a crítica a convenções culturais e a reivindicação da não permanência dos corpos nos modelos binários (macho e fêmea) convencionais. Os personagens, travestidos, transsexualizados ou não, não estão situados em uma relação binária: bom ou mal, macho ou fêmea. Masculino e feminino estão presentes em cada personagem por meio de uma combinação não tradicional, de misturas criativas: travestis que desejam mulheres, homens sensíveis, machistas e histéricos, mulheres dramáticas, fortes e viris. Assim, os personagens de Almodóvar, ao apresentarem diferentes possibilidades de corpos e formas de ser, desestabilizam a percepção dos papéis de gênero como naturalmente dados e sua lógica binária, servindo como objeto de resistência política.

O autêntico reivindicado por Agrado, personagem de *Tudo sobre minha mãe*, não está na busca de uma natureza original do corpo, mas pela possibilidade de o sujeito se reinventar. Está em seu desejo de produção de um corpo, cuja natureza, se podemos chamar assim, consiste em sua própria possibilidade de transformação constante. E as personagens de Almodóvar nos convidam a não desperdiçar esta potência de transformação.

A revisão da literatura citada no início deste artigo chamada *Os estudos de gênero na ciência da informação* (2008) reporta pesquisas baseadas em dados colhidos em bases de dados, como fonte documental, bem como pesquisas realizadas em linguagens documentárias, como os tesouros, em que a distribuição dos termos escolhidos em determinadas áreas, como na área da saúde indica ainda preconceitos e estereótipos sociais. Apresentamos aqui alguns aspectos que possam interessar aos cientistas da informação em sua tarefa de representar os conteúdos das informações fílmicas. São facetas do conhecimento artístico. Facetas de um diretor.

Referências

- ADORNO, Rubens. Identidade e Exclusão. In: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard (Org.). **Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder**. Rio de Janeiro: IMS/UERJ: 34, 1999. p. 89-98.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 2000.
- DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Lisboa: Bertrand, 2008.
- DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- DIAS, Belidson. Fronteiras em fluxo: as malas de Almodóvar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277967603_ARQUIVO_FRONTIERASE_MFLUXO.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2011.
- ESPIRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/6389/4877>>. Acesso em: 23 nov. 2011.
- FONSECA, Vanessa. **Corpo, direitos e educação: promovendo equidade de gênero através do movimento na escola**. 2011. Monografia (Pós-Graduação Terapia através do movimento: corpo e processos de subjetivação)–Escola e Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro, 2011.
- GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HEILBORN, Maria Luiza et al (Org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MALUF, Sonia. Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. **Revista de Estudos Feministas**, v. 1, p. 143-153, 2002.

NASCIMENTO, Marcos. **Improváveis relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais**. 2011. 194 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva)–Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2011.

PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PASSARELLI, Carlos. **Amores dublados: linguagens amorosas entre homens no filme La Ley del Deseo**. 1998. 189 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)–PUC-SP, São Paulo, 1998.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina: Ed. da UFRGS, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 05-22, 1990.

Artigo submetido em: 25 nov. 2011

Artigo aceito em: 05 dez. 2011